



FURG,

Meu nascimento se deu nove anos antes da tua criação. Como uma filha desejada pela cidade, tua chegada em 1969 foi sonhada e planejada com antecedência de aproximadamente 14 anos, quando a comunidade rio-grandina deu os primeiros passos para a criação da Fundação Escola de Engenharia de Rio Grande. Hoje, às vésperas de completares 55 anos de vida, eu imagino o orgulho dos pais que te geraram – Escola de Engenharia Industrial, Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, Faculdade de Direito “Clóvis Beviláqua”, Faculdade Católica de Filosofia e Faculdade de Medicina.

Antes de dar continuidade a essa carta, antecipo que ela não tem por propósito fazer um resgate histórico da vida da FURG. Eu, definitivamente, seria incapaz de reproduzir numa carta o resultado de pesquisas que contam em detalhes essa maravilhosa história. Então, sem mais rodeios, vou mudar o rumo da prosa e passar a falar das minhas memórias. Quem sabe, elas possam se somar às memórias de outros tantos, que, como eu, viveram e vivem a Universidade intensamente.

Sendo filho de servidor, que era um porteiro-vigilante, minha relação com a FURG começa aos 10, 11 anos de idade, quando em plantões de domingo, na portaria do Pavilhão Central do Campus Cidade, eu acompanhava meu pai. Aproximadamente três anos depois, fui trabalhar como balconista no bar da FURG, de segunda à sexta-feira, no turno da tarde e aos sábados no turno da manhã. Como única opção para lanches no Campus, o bar era muito frequentado por professores, técnicos e alunos. Alguns desses alunos da FURG eram meus professores no fundamental, no turno da manhã. O bar funcionava com dois caixas. Um se localizava na porta de entrada pelo corredor dos laboratórios, registrando a entrada e saída de pessoas e o outro fazia o recebimento dos valores consumidos, e se localizava no lado oposto. Trabalhavam nos caixas marido e mulher, os pais de meu xará, que até pouco tempo era responsável por um dos bares do Centro de Convivência no Campus Carreiros.

O trabalho de balconista no bar foi abandonado em dezembro de 1975, quando, aos quinze anos, quase dezesseis, fui contratado pela FURG como servente de almoxarifado. Nesse tempo não havia concursos e o acesso se dava por indicação. Meu pai pediu para alguém – que pediu para outro alguém –, e lá estava eu, sendo contratado por 3 meses de experiência. O Almoxarifado ficava ao lado do pavilhão 8, onde funcionava o restaurante universitário. Lá eram estocados os materiais de expediente e recebidas todas as compras da Universidade.

Naquele tempo, os materiais de expediente mais leves, como canetas, papéis, grampos para grampeador, borracha, lápis entre outros, eram levados por mim, em mãos, aos Departamentos. Os materiais pesados, como produtos de limpeza, eram transportados em viagens com carrinho de obra. Para entregas na



Luiz Loréa ou Museu Oceanográfico fazia-se uso de uma disputada Kombi que servia praticamente à toda FURG. Essa circulação entre os ambientes da FURG me proporcionou conhecer muitas pessoas. Além disso, nas festas de confraternização, pareciam caber no salão a totalidade dos servidores da Universidade.

Redigindo essa carta, passo a me questionar sobre a exatidão das memórias, mas penso ser perdoável, aos 64 anos, deixar de lembrar de alguns fatos, espaços, encontros e conversas.

Tenho perfeita lembrança, entretanto, de uma reunião agendada com o Sub-Reitor de Administração que, ao me chamar para conceder a mudança para o cargo de Agente Administrativo - acho que era esse o cargo - justificou que a promoção se dava pela indicação e reconhecimento de minhas chefias. Entretanto, condicionou a homologação da promoção ao comprometimento de que eu não deixasse de continuar meus estudos. Perguntou sobre minha família, quais eram as minhas expectativas na FURG e disse o que ele esperava de mim.

A importância desse encontro, da disponibilidade de tempo dedicado àquela conversa, o respeito, o cuidado e os conselhos recebidos marcaram para sempre minha vida funcional e pessoal. Naquele dia imaginei que, no futuro, gostaria de ser um gestor igual àquele professor, que desempenhava um cargo tão importante e que dedicou seu tempo a me ouvir e acolher.

Nessa época, eu já ouvia conversas sobre a doação pela Prefeitura Municipal de um terreno no Km 8 da cidade e sobre a construção da Universidade, no então chamado Campus Carreiros. A juventude não me permitiu reconhecer a dimensão daquele ato visionário. Pelo contrário, confesso ter achado um absurdo alguém pensar em sair das proximidades do centro da cidade, onde tudo se tinha - prédios para a gestão, salas de aulas, laboratórios, cursos de ensino superior e cursos técnicos de segundo grau oferecidos pelo Colégio Técnico Industrial - CTI, que era vinculado à Universidade. Definitivamente, eu não compreendia como um gestor poderia entender ser melhor para a Universidade se transferir para o meio de dunas a quilômetros de distância, com tudo por fazer.

Os caminhos da FURG, entretanto, me levaram a viver, em 1980, a oportunidade de em plena lua de mel, assumir a Coordenação do Almoxarifado Setorial de Obras no Campus Carreiros.

Nós, servidores do Almoxarifado, erámos transportados de Kombi, considerando que a disponibilidade de horários do transporte público não permitiria que estivéssemos lá. Só aí então, entre as frestas daquele galpão misto de madeira e tijolo, com portas e janelas permanentemente fechadas para evitar o acesso da areia das dunas trazidas pelos ventos, eu consegui perceber a dimensão daqueles iluminados que direcionaram seu olhar para um amanhã que antes eu era incapaz de imaginar. Se antes eu entregava materiais de expediente, passo a cuidar e distribuir conexões hidráulicas e sanitárias, cabos elétricos, parafusos,



pregos, madeiras, tintas, cimento, argamassa, pedra britada, areia grossa, destinadas aqueles quase 500 trabalhadores contratados para tornarem literalmente concretos os sonhos dos visionários. Tínhamos instalado naquele campus dois tanques de combustível, um de gasolina e outro de óleo diesel para abastecimento de caminhões, tratores, escavadeiras, camionete e outros veículos, responsáveis pelo transporte dos materiais por quilômetros de distância no interior do Campus e pelo preparo do terreno para as construções. Aos poucos, essa área de 227 hectares foi recebendo cobertura vegetal, cuidadosamente planejada, para oferecer mais vida à FURG, com banhados, e lagos. Acompanhei a transferência dos cursos, dos laboratórios, dos alunos e de servidores do Campus Cidade para o Campus Carreiros.

Essa trajetória de crescimento provocou a necessidade de mudança de estatuto e de regimento ao longo do tempo. Na gestão acadêmica, fomos Faculdades, Centros, depois Departamentos e agora 13 Unidades Acadêmicas. Na gestão administrativa tivemos 3 Sub-reitorias, depois 5 Pró-Reitorias e mais tarde 7, até chegar nas atuais 8.

Passamos a contar com a presença, dedicação e comprometimento de terceirizados que assumiram atividades indispensáveis ao nosso cotidiano, como limpeza, vigilância, portaria entre outros.

Hoje, diante das fotos que valorizam a evolução arquitetônica do Carreiros, o que dizer do meu orgulho ao ver nos pontos de ônibus, nas calçadas e passarelas o quanto nos tornamos mais justos, ao promover a necessária e tão desejada inclusão, no convívio com pessoas de diferentes origens, gêneros e orientações.

Para a construção do futuro, há de se conhecer o passado. E inspirados nesse passado, vi surgirem outros visionários, outros sonhadores. Assim, entre os anos de 2009 e 2010 tive o privilégio de ver os braços da FURG alcançarem outros três municípios do Rio Grande do Sul – Santo Antônio da Patrulha, Santa Vitória do Palmar e São Lourenço do Sul, com o oferecimento de ensino superior presencial. Vi o ensino a distância ampliando a ocupação em outros tantos espaços desse chão.

Quem chegou até aqui, percebeu que essa carta é uma viagem por minhas memórias. É uma viagem pela vida da FURG, que se entrelaça com a minha como se fosse uma só. Minha vida foi vivida na FURG e meu objetivo, nesse momento foi direcionar o meu olhar sobre esses 55 anos da FURG e de tornar público o quanto fui feliz nesse lugar, que me constituiu como homem. Responsável por proporcionar não só a minha formação acadêmica, mas também a de meus dois filhos.

Nesses 45 anos de FURG, muitos foram os espaços e territórios ocupados em que colaborei para a realização de projetos e sonhos de gestores além de ter a oportunidade concedida de, como gestor, contar com a colaboração de tanta gente para realização de sonhos que, juntos, construímos. Meu mais profundo



agradecimento a essas referências pela confiança.

Assim, no dia 20 dezembro de 2020, minhas memórias como servidor ativo terminam, dando lugar a outras memórias que passei a construir, justamente no lugar que tem por missão a preservação da história e das memórias da nossa Universidade. O enfrentamento da pandemia da Covid-19 em 2020, ano de minha aposentadoria, trouxe muitas transformações nos processos de gestão e aprendizagem que hoje ainda estão sendo testadas e avaliadas.

Passados 55 anos da história de nossa Universidade, tenho esperança de que a missão de servir, de promover o avanço do conhecimento, com respeito e qualidade, que tornou esse lugar um espaço de empatia, acolhimento e compromisso social, continue a valorizar o desfile da diversidade pelas calçadas e o uso pleno das estruturas físicas de gestão, de ensino e de pesquisa. Que as salas de aula sejam tomadas por diálogos e trocas, capazes de transformar a vida dos alunos e de suas famílias. Que os servidores possam se perceber como agentes transformadores e detentores de memórias, que, compartilhadas com os que chegam, permitirão que possamos sonhar com um futuro ainda melhor. Vida longa à nossa FURG.

Rio Grande, 02 de agosto de 2024

**Claudio Paz de Lima**



Servidor aposentado  
Conselheiro do Núcleo de Memória  
Engenheiro Francisco Martins Bastos  
NuMe